
O Sujeito-empresa da Era Neoliberal¹

Julio Cesar SANCHES²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

No século XXI, os modos de lidar com o corpo foram sendo alterados pela lógica neoliberal. Essas mudanças nas relações do poder econômico estabeleceram transformações socioculturais capazes de desenvolver diferentes estratégias ocidentais no cuidado de si, tornando possível o surgimento de uma figura social: o sujeito-empresa. Nesse ensaio, pretendemos apresentar a hipótese de que há uma lógica de governamentalidade, baseada na ideia de empreendedorismo de si, sendo articulada no fenômeno do culto ao corpo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: poder; governamentalidade; culto ao corpo; neoliberalismo; empreendedorismo de si.

YES, WE CAN!

No ensaio “Post-scriptum: sobre as sociedades de controle”, o filósofo francês Gilles Deleuze formula a hipótese de que as técnicas das sociedades disciplinares, pujantes na modernidade, estavam em processo de falência, no final do século XX, e que novos processos de sujeição estavam surgindo. Para Deleuze (1992), abria-se um horizonte que chamaremos aqui de pós-disciplinar. Ou seja, o modelo disciplinar estudado por Michel Foucault estava sendo transformado e apontava para alterações significativas nas relações de poder e saber das sociedades contemporâneas. Apesar de pequeno, o texto de Deleuze fornece uma sofisticada análise do que ele classificou como sociedade de controle. O autor enfatiza com veemência que “são *as sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares” (DELEUZE, 1992, p. 224).

Nas sociedades de controle os corpos não são confinados como outrora, não há mais uma lógica de docilização dos corpos, tal como Michel Foucault descreveu no clássico livro “Vigiar e punir: história da violência nas prisões”. O que está em jogo nesse novo modelo de sociedade é uma nova disposição das relações do poder e do saber diante da vida contemporânea. Deleuze afirma que “não se deve perguntar qual é o regime mais

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Cultura do PPGCOM/UFRJ, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e-mail: sanches.julius@gmail.com

duro, ou mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições” (DELEUZE, 1992, p. 224). É por esse motivo que nos interessa apenas compreender quais dinâmicas de poder estão em jogo, com a crise das disciplinas, do que estabelecer se houve ou não uma liberação dos corpos.

Seguindo as pistas deixadas por Gilles Deleuze, partimos da hipótese de que o capitalismo neoliberal europeu da década de 1970 forjou um processo de consolidação de subjetividades baseadas na lógica do empreendedorismo de si. Nosso argumento irá se desenvolver a partir desse entendimento fundamentado pela obra “A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal”, dos filósofos Pierre Dardot e Christian Laval (2016).

No livro “Sociedade do cansaço”, o filósofo sul-coreano Byung-chul Han se apoia na afirmação de que, no século XXI, já não somos uma sociedade disciplinar. A rotina de trabalho, o processo educacional, os desportos, a ciência, o mercado financeiro e de serviços etc. foram se reconfigurando e criando dinâmicas próprias da contemporaneidade. O autor exemplifica essas mudanças traçando um paralelo entre as instituições disciplinares e as organizações contemporâneas. Han afirma:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritório, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho (HAN, 2015, p. 23).

O pós-disciplinar para Byung-chul Han é caracterizado pelo desempenho. Nesse sentido, existe uma implacável busca pelo aperfeiçoamento, pelo aprimoramento, pela concorrência. O desempenho descrito por Han é a forma de exploração do corpo e das energias vitais humanas em nome do processo de fortalecimento da produção no regime neoliberal. Nesse sentido, o autor afirma que os sujeitos contemporâneos não são os sujeitos da obediência, característicos do período disciplinar, eles tornaram-se “sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos” (HAN, 2015, p. 23).

Nessa alteração dos regimes de poder e saber que fizeram surgir a figura dos “empresários de si mesmos”, Han explica que a sociedade disciplinar de Foucault, assim como a sociedade de controle de Deleuze, sobrevivia carregada de um polo negativo do poder. Nas palavras de Han:

“A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade desempenho” (HAN, 2015, p. 24).

Nesse ponto, há algumas ressalvas que precisamos efetivar a partir do pensamento de Byung-chul Han. Acreditamos que o autor cai em um equívoco maniqueísta, no que diz respeito à polarização produzida no discurso de negatividade da sociedade disciplinar. Em “Vigiar e Punir: história da violência nas prisões”, por exemplo, Michel Foucault elabora uma analítica do poder e ressalta a positividade das dinâmicas das relações de poder direcionadas à produção de corpos dóceis. Portanto, caberia aqui expor essa limitação do argumento de Han ao considerar que há negatividade na sociedade disciplinar enquanto, que, por sua vez, Michel Foucault nos apresentou uma perspectiva do poder como uma força produtiva, uma potência que produziu nos corpos uma anatomia política.

Consideraremos no pensamento de Byung-chul Han a parte que ele caracteriza a sociedade de desempenho como uma sociedade marcada pelo excesso de positividade. Nesse sentido, essa dimensão da positividade do poder surge como um excesso, um acúmulo, como algo que transborda os espaços e assim institui a busca pelo desempenho. “O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p. 24).

O debate articulado nas ciências humanas e sociais contemporâneas, no que diz respeito ao estudo das transformações socioculturais forjadas pelo capitalismo do final do século XX e início do século XXI, parte em sua maioria do processo de globalização da cultura, do diagnóstico do afastamento do sujeito da política, da força das redes sociotécnicas de informação nas sociedades avançadas e do espetáculo midiático que permeia o tecido social. E, para além disso, da onipresença do corpo e do cuidado com a vida.

Esse horizonte torna-se ainda mais complexo com a virtualização do capital financeiro, - ou financeirização da vida, parafraseando o comunicólogo brasileiro Muniz Sodré (2014) -; e também com a hegemonia do sistema econômico neoliberal. Nesse sentido, faz-se necessário entender quais dinâmicas históricas implantaram nos corpos e nas subjetividades a lógica positiva do poder indicado por Byung-Chul Han (2015).

Do capital humano ao sujeito-empresa

Em “Nascimento da biopolítica”, Michel Foucault (2008) apresenta o repertório de dimensões conceituais articuladas pelos teóricos da economia liberal moderna. A partir de uma análise dos modelos de liberalismo americano, francês e alemão do século XX, Foucault chega ao encontro de um conceito modal para o desenvolvimento do neoliberalismo da década de 1970: trata-se do capital humano.

A busca pela incorporação da dimensão do trabalho na teoria econômica desenvolveu a necessidade de pensar como o trabalhador vinculava o trabalho material ao pagamento do salário. Em um certo momento, os teóricos iniciaram uma empreitada que, ao incluir o trabalho, a força de trabalho e a produção, anexou o salário à ideia de renda. Ou seja, o trabalhador compreende o salário como uma renda obtida pela sua força produtiva. Nesse sentido, inicia-se na teoria econômica uma transformação no conceito do *homo oeconomicus*. Foucault explica:

No neoliberalismo - e ele não esconde, ele proclama isso -, também vai-se encontrar uma teoria do *homo oeconomicus*, mas o *homo oeconomicus*, aqui, não é em absoluto um parceiro da troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, é um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo oeconomicus* parceiro da troca por um *homo oeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda (FOUCAULT, 2008, p. 310-311).

Essa transformação do conceito do *homo oeconomicus*, na teoria econômica neoliberal da segunda metade do século XX, implicará na concepção de que o trabalhador possui determinadas capacidades que o difere dos demais. Sendo agora compreendido como um empresário de si, a lógica neoliberal necessitará explicar a diferenciação da renda obtida no processo do trabalho através do conceito de capital humano. Michel Foucault (2008) afirma que há duas dimensões nesse conceito: a concepção de capital nato e a concepção de capital adquirido.

A grosso modo, o capital nato reflete sobre as questões de análise de fatores biológicos e genéticos que predisõem os sujeitos a acessar o bens simbólicos e materiais. O próprio Foucault alerta o quanto essa ideia é racista e pode desenvolver um essencialismo nas análises. Entretanto, em nosso trabalho, é imprescindível a explicação da segunda concepção: o conceito de capital adquirido.

A formação do capital humano, em seus aspectos adquiridos, está alicerçada pela ideia de que os sujeitos, com suas determinadas competências, investem incessantemente naquilo que possa gerar renda. Logo, o capital humano é um fundo de investimento que dialoga com a expressão de fluxos de renda. Ou seja, quanto mais se investe em si mesmo, mais meios de obtenção de renda são disponibilizados e, nesse sentido, o sujeito incorpora o processo necessário de formação: educacional, intelectual e cultural, por exemplo. Podemos dizer que o capital humano é “o conjunto de investimentos que foram feitos no nível do próprio homem” (FOUCAULT, 2008, p. 318).

A teoria do capital humano, presente nas incursões teóricas da passagem do liberalismo moderno rumo ao neoliberalismo contemporâneo, impulsionou um olhar individualizante ao regime do trabalho, subjetivou os “esforços” dos trabalhadores em adquirir renda, e também se espalhou por diferentes relações e dinâmicas da vida social. Essa lógica do capital humano sustentou-se, necessariamente, numa perspectiva que permitiu a consolidação de uma cultura empreendedora.

Pierre Dardot e Christian Laval (2016), a partir desse entendimento de que o neoliberalismo consolidou estratégias de domínio da vida humana, desenvolvem um argumento para explicar as dinâmicas materiais e subjetivas desse processo. Segundo esses autores, o neoliberalismo contemporâneo é nutrido do fortalecimento histórico de uma cultura individualizante, competitiva e empreendedora iniciada pelo liberalismo moderno. Para Dardot e Laval, existe uma racionalidade operando as relações sociais contemporâneas enquanto indivíduos empresariais, empresas individuais.

Em outras palavras, a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade de competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos. “Empresa” é também o nome que se deve dar ao governo de si na era neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 328).

A figura da empresa, como metáfora norteadora da vida contemporânea, está impregnada pelo apelo ao governo de si. Nesse sentido, o sujeito-empresarial vive sob a égide de uma constante análise das possibilidades de investimento psíquico e emocional, financeiro e empresarial, educacional e informacional, cultural e corpóreo.

Nesse trabalho, tratamos de compreender o conceito de empresa a partir do sociólogo Alain Ehrenberg, cuja teoria associa a imagem do empresário ao herói. O autor

explica que a empresa “designa não mais uma acumulação, ainda que sempre se trate de acumular, mas uma maneira de se conduzir: o fato *de empreender qualquer coisa*” (EHRENBERG, 2010, p. 48). Nesse sentido, a ideia de empresa apresentada por Alain Ehrenberg (2010) comporta duas dimensões importantes: o capital humano adquirido e o governo das condutas de si.

Indubitavelmente, o conceito de empresa é importante para compreendermos como determinados fenômenos socioculturais foram intensificados nas últimas décadas. O cuidado com o corpo, por exemplo, dinamizou-se com a globalização da cultura, com a midiaticização, com a moda, com a ampliação de técnicas de embelezamento, com os esportes e com a financeirização, espalhando-se nas relações sociais por meio do fenômeno do culto ao corpo. Seria o culto ao corpo uma das faces do empreendedorismo de si?

O corpo como investimento do sujeito-empresa

No fenômeno do culto ao corpo, há um apego a si mesmo. Esse diagnóstico é prévio e insuficiente, se colocarmos esse fenômeno apenas como resultado de uma transformação nos modos de lidar com o corpo no ocidente. A complexidade do culto ao corpo poderá ser pensada a partir da constituição de uma cultura contemporânea empreendedora, mas que possui características daquilo que Michel Foucault (2018) chamou de “cultura do cuidado de si”.

Analisando textos da filosofia antiga, Michel Foucault (2018) identifica uma pujante cultura que se baseia na constante reflexão sobre si mesmo (atitudes, escolhas, atividades, diálogos), na construção de uma racionalidade que põe o indivíduo no centro da sua própria existência. Em outras palavras,

Pode-se caracterizar brevemente essa cultura de si pelo fato de que a arte da existência - a *techne tou biou* sob as suas diferentes formas - nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidado consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática (FOUCAULT, 2018, p. 56-57).

A cultura do cuidado de si, analisada por Foucault (2018), remonta a uma lógica de atenção com o corpo e a alma. Nessas duas dimensões, o indivíduo da Grécia antiga era instigado a realizar constantes exercícios de autoconhecimento moral. Evidenciava-

se, de certo modo, a constituição de uma técnica de si que era importante para a constituição do cidadão da antiguidade grega. “Esse preceito do “cuidado de si” representava um dos grandes princípios das cidades, uma das grandes regras de conduta da vida social e pessoal, um dos fundamentos da arte de viver” (FOUCAULT, 2014, p. 267).

A cultura do cuidado de si presente nos textos filosóficos da antiguidade clássica remete ainda a um tipo de indivíduo que estava voltado para uma interioridade, uma essência, cujo nome era a alma. Na contemporaneidade, em oposição, a ideia de alma já não tem potencia na existência humana e social. Nesse sentido, a cultura de si analisada por Michel Foucault (2018) sofre alterações significativas quando pensada na contemporaneidade. O culto à corporeidade, indiscutivelmente, tornou-se a única dimensão possível do cuidado de si, pois não há mais um debate essencialista e metafísico em torno da alma.

A análise do filósofo Húngaro-brasileiro Peter Pál Pelbart (2013), na esteira de uma explicação socioantropológica do corpo, destaca a diferença contemporânea do conceito de sujeito baseado exclusivamente em seu corpo material e orgânico. O autor afirma:

Desde algumas décadas, o foco do sujeito deslocou-se da intimidade psíquica para o próprio corpo. Hoje, o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, a sua aparência, sua imagem, a sua *performance*, a sua saúde, a sua longevidade. (...) é verdade que já não estamos diante de um corpo docilizado pelas instituições disciplinares, como há cem anos, corpo estriado pela máquina panóptica, o corpo da fábrica, o corpo do exército, o corpo da escola. Agora cada um se submete voluntariamente a uma ascese, seguindo um preceito científico e estético (PELBART, 2013, p. 27).

A cisão entre corpo e alma foi sendo articulada por imperativos que consagraram ao corpo o papel de sujeito ativo na vida social - na tradição marxista, por exemplo. Nesse sentido, pensaremos a cultura contemporânea do cuidado de si como uma cultura baseada no cuidado com o corpo - em seus aspectos biológicos, estéticos e simbólicos. Consequentemente, com a emergência desse sentido de cultura do cuidado de si baseada exclusivamente no corpo, torna-se imprescindível debatermos esse fenômeno à luz do empreendedorismo de si. Logo, em nossa análise, partimos do pressuposto de que o corpo posto em evidência pela midiaticização da cultura global é um corpo empreendedor.

Acreditamos que uma das características primordiais ao culto ao corpo contemporâneo esteja na visibilidade do corpo. O empreendedor, sujeito-empresa, necessita dar visibilidade ao projeto que está sendo executado e é no campo do visível que o espetáculo do mostrar a si mesmo é concretizado.

Nesta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de *ser visto*. Cada vez mais, é preciso *aparecer* para *ser* (SIBILIA, 2008, p. 111).

A cultura empreendedora é, sobretudo, alimentada pela visibilidade. Nesse sentido, o empreendimento realizado no corpo e na imagem corporal torna-se um espetáculo visual. Toda performance do empreendedor de si, aquele que investe no corpo, necessita de espectadores que reafirmam a lógica mistificadora do sucesso alcançado. Concomitantemente, Alain Ehrenberg (2010) demonstra que o processo de visibilidade caminha junto com o processo de modelização da figura do sujeito de sucesso, do empreendedor; sendo ele exposto na sociedade de massa como um modelo a ser alcançado.

É preciso sublinhar também que os modelos de sucesso que são apresentados às pessoas não são distantes, inacessíveis, reservados a alguns, mas a seu alcance: são somente os *guias* (no sentido de guia de viagem ou de carreira) *de sua própria modelização* (EHRENBERG, 2010, p. 51).

A figura do sujeito-empresa que investe no corpo e visibiliza o conjunto de práticas, métodos e projeções empreendidas no objeto cultuado, torna-se a imagem-síntese do sujeito de sucesso. Assim sendo, numa sociedade de massa, onde a mediação está entrelaçada com a visibilidade do espetáculo, a dinâmica do empreendedorismo de si ganha o caráter de capital adquirido.

O pensamento de Ehrenberg (2010) nos convoca a compreender que o sucesso adquirido pelo empreendedor de si é, primordialmente, pulverizado pela lógica de consumo neoliberal. Nesse sentido, trata-se de uma massificação do empreendedorismo de si. Essa percepção da cultura de massa fica mais explícita quando direcionamos o nosso olhar para a história da beleza no ocidente. O antropólogo Georges Vigarello destaca que o “corpo tornou-se ‘nosso mais belo objeto de consumo’”. Daí a generalização dessa

beleza, indispensável até então, ao alcance da retórica lisa e versátil do mercado. Beleza mais livre também, secretamente trabalhada pela dinâmica da igualdade” (2006, p. 171).

O papel desempenhado pelo mercado neoliberal e, posteriormente, pela mídia globalizada é o de amplificar a visibilidade dos fenômenos de sucesso do empreendedorismo de si. Logo, podemos afirmar que todo o processo do empreendedorismo de si é projetado para o outro, numa lógica de amplificação das performances e cultos. Porém, há uma via de mão dupla, nesse sentido, formando a imagem do indivíduo empreendedor que modeliza uma performance de si, mas que também intui no outro um desejo de busca pelo domínio individual de si. Em outras palavras, esse fenômeno consolida processos de massificação e, ao mesmo tempo, de individuação.

O indivíduo, e apenas ele, é hoje responsável por suas maneiras de ser, por suas “imagens”. (...) daí esse jogo de “mostrar” levado mais longe: a ambição crescente de promover o visível, esse trabalho sobre a beleza como perfeição do indivíduo. Nasce uma nova era em que convergem o sentimento de poder dominar a aparência e o poder transformá-la em sinal marcante do si individualizado (VIGARELLO, 2006, p. 181).

As palavras de Vigarello, veementemente, traduzem “o momento histórico que nos contém”, parafraseando Guy Debord (1997). Nesse cenário de culto ao corpo, aqui compreendido a partir de uma lógica performática do empreendedorismo de si, as relações entre os sujeitos tornam-se cada vez mais mediadas pelo espetáculo da visibilidade do corpo. Em síntese, quando apontamos para a existência de uma cultura do cuidado de si modificada pela retirada das reflexões ético-morais da alma, o cuidado com o corpo foi se tornando uma prática ampliada no ocidente. Consequentemente, na contemporaneidade, esse fenômeno ganha características que forjam o culto ao corpo.

Em nossa análise, partimos da hipótese de que esse culto se fortaleceu a partir de uma lógica empreendedora e neoliberal. Contudo, essa nova característica do culto ao corpo só conseguiu existir a partir de uma rede de sustentação. Aqui, elencamos o mercado neoliberal, a cultura globalizada e de consumo, a mídiatização e as imagens como dispositivos que intensificam ainda mais o entendimento de que há uma operação de investimento constante no corpo e na imagem corporal. Nesse sentido, podemos afirmar que o fenômeno de culto ao corpo é sustentado pelo neoliberalismo que governa a vida.

Dispositivo e governamentalidade

O governo neoliberal não apenas desenvolve uma captura dos corpos no plano material, mas também na dimensão subjetiva da vida. Para tanto, faz-se necessário interpretar esse processo à luz dos conceitos de dispositivo e governamentalidade. O filósofo italiano Giorgio Agamben, a partir de uma interpretação foucaultiana, nos diz que dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Nesse sentido, os dispositivos possuem a habilidade de coordenar o horizonte de sentidos forjados no meio social. O neoliberalismo, indubitavelmente, funciona enquanto dispositivo social.

Ao incorporar nos sujeitos a lógica empresarial, a potência do dispositivo neoliberal age enquanto polo produtivo do poder. Há, fundamentalmente, uma intensa produção de subjetividades alinhadas ao projeto econômico e político neoliberal. “Precisamente, a grande inovação da tecnologia neoliberal é vincular diretamente a maneira como o homem ‘é governado’ à maneira como ele próprio ‘se governa’” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 332-333). Portanto, devemos interpretar o dispositivo enquanto tecnologia social que desenvolve, racionalmente, conexões entre os aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais, históricos e, sobretudo, subjetivos que constituem a vida.

A importante noção de dispositivo, como tecnologia instrumental do poder, comporta a dimensão psíquica da produção de sujeitos. Se retomarmos Michel Foucault, em “Vigiar e Punir”, esbarraremos exatamente numa dimensão psíquica presente no Panóptico. O poder funcionava exatamente na constituição de uma visibilidade implacável, sendo articulado modos de sujeição que reiteravam a máquina da disciplina. Assim sendo, “o Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 2013, p. 192). Já não estamos na era disciplinar, mas ainda somos submetidos a processos de subjetivação da visibilidade eivados de poder.

De forma sintética, o poder, cuja dimensão está datada aqui na era pós-disciplinar, possui uma tecnologia de governo das condutas dos sujeitos. Ele é, sobretudo, efeito modal que conduz a vida em todas as dimensões (objetivas, subjetivas e intersubjetivas). É por isso que, no que tange ao nosso tema de pesquisa, as dinâmicas do poder constituem, de forma *sine qua non*, as dimensões materiais e psíquicas do sujeito.

No trabalho da filósofa Judith Butler fica evidenciado esse caráter de governo que o poder possui, ao constituir-se como condição de formação dos sujeitos e dos diferentes modos de sujeição. Na introdução do livro “A vida psíquica do poder”, Butler faz o seguinte diagnóstico:

(...) se entendermos o poder também como algo que forma o sujeito, que determina a própria condição de sua existência e a trajetória de seu desejo, o poder não é apenas aquilo a que nos opomos, mas também, e de modo bem marcado, aquilo de que dependemos para existir e que abrigamos e preservamos nos seres que somos (BUTLER, 2017, p. 10).

O argumento de Judith Butler reitera a perspectiva de Michel Foucault em relação ao poder enquanto potência que produz o sujeito. Nesse sentido, ambos autores acreditam que só é possível tornar-se sujeito enquanto figura do processo de sujeição ao poder que o fez emergir na cultura. Em um outro momento, Judith Butler elimina as questões metafísicas que envolvem o debate a cerca do sujeito ao afirmar que “Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (BUTLER, 2010, p. 27). Logo, para a autora, o corpo adentra a cultura por meio da marcação de gênero, que é uma marcação dos dispositivos do poder.

Essa digressão butleriana nos é importante para refletirmos que desde sempre o corpo está enredado em processos de sujeição que, independente do desejo, colocam o sujeito numa relação intrínseca aos dispositivos. Esse cenário dos dispositivos como modo de governo contribui para que entendamos que a figura do sujeito-empresa é constituída por uma ampla rede de dispositivos. Concordando com esse entendimento, a análise do filósofo italiano Maurizio Lazzarato (2017) contribui em nosso trabalho por refletir como o processo de sujeição do sujeito-empresa, articulado pelo neoliberalismo, está atrelado ao governo das condutas. O autor afirma que:

A sujeição contemporânea submete o indivíduo a uma avaliação ‘infinita’, fazendo do ‘sujeito’ seu primeiro juiz. A ordem para ser sujeito, se dar ordens, negociar permanentemente consigo mesmo e obedecer a si mesmo leva o individualismo à sua completa realização (LAZZARATO, 2017, p. 175).

O sintoma do individualismo, como apontou Lazzarato, está fortemente presente no corpo social do ocidente neoliberal contemporâneo. Esse fenômeno de individuação é inerente à cultura do empreendedorismo de si, sendo um efeito dos processos de disputa

por sucesso e reconhecimento. Logo, o sujeito-empresa é aquele que envereda pelo caminho da “liberdade” de escolha, todos inscritos em dispositivos de governo, que pode influenciar notoriamente em seus projetos. O autor faz uma pertinente consideração sobre esse fenômeno:

O neoliberalismo tem uma maneira muito particular de dobrar a “relação a si mesmo” (a produção do sujeito e do indivíduo), levando-o ao seu paroxismo. Ela se manifesta de maneira exemplar no “capital humano” (o empreendedorismo de si), que é a completa realização da sujeição, pois, fazendo da pessoa um capital, ela exacerba o individualismo, ao mesmo tempo que impõe avaliá-lo e medi-lo a partir da lógica dos ganhos e perdas, da oferta e da demanda, e do investimento (em formação, seguros individuais etc.) e da sua rentabilidade (LAZZARATO, 2017, p. 174).

O processo de constituição do sujeito-empresa implica, necessariamente, no envolvimento intensivo dos dispositivos de governo. Cabe ao sujeito-empresa produzir as suas escolhas, definir os seus métodos e resultados, estabelecer o alcance das suas atividades e, conseqüentemente, gozar do mérito dos resultados alcançados. Alain Ehrenberg (2010) constrói uma análise que interpõe as figuras do empreendedor com a do herói. O autor aponta como as narrativas de vitória e sucesso são entendidas a partir do conjunto de discursos de mérito dos empreendedores.

A mitologia da autorrealização de massa que predomina desde o último decênio é semelhante a um sistema de heroização de si mesmo em que se deve fazer o esforço de ser si mesmo seu próprio modelo de conduta. Essa identidade de um modelo de conduta personalizado, que vai do mesmo ao mesmo, não dá mais lugar a um discurso sobre a sociedade de massa, em que cada um é indiferenciado, anônimo, já que igual, uniforme, já que semelhante. Pelo contrário, vamos sempre do mesmo ao mesmo, mas pela diferença, pela singularização. É uma outra maneira de viver a semelhança (EHRENBERG, 2010, p. 55).

Ehrenberg (2010) dispõe de uma concepção de autorrealização que comporta, indubitavelmente, os processos de massificação da imagem dos heróis empreendedores e, ao mesmo tempo, uma busca individual por uma performance própria. Assim sendo, existe uma articulação do modelo a ser seguido e, na contramão disso, uma busca incessante por características que sejam singulares, individualizantes. Talvez seja por isso que o peso mitológico da narrativa do sucesso busque frisar “como consegui”, encorajado de manual, guia de conduta, método de sucesso. Ou seja, como dispositivo narrativo da vitória e, ao mesmo tempo, como dispositivo de governo da vida.

A heroização do empreendedor de si é um aspecto importantíssimo do processo massificador da mitologia do sucesso. Ela institui um dos pilares do mercado neoliberal: a concorrência. Há, definitivamente, lócus de atuação individual e coletiva, disputa por visibilidade e constituição de “cases de sucesso”. É por esse motivo que cabe ao herói realizar constantemente uma performance, enquanto protagonista de sucesso, que sustente o discurso meritocrático de vencedor. Logo, o que está em questão aqui é a reiteração do projeto neoliberal de reforço da cultura empreendedora e da imagem da empresa como metáfora da vida social contemporânea.

Considerações finais

O presente texto surge de uma inquietação teórica presente no projeto de tese “Empreendedorismo de si: corpo, saúde e estilos de vida nas páginas da revista Boa Forma”, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. A partir da hipótese de que a contemporaneidade está eivada de discursos, imagens e representações, baseadas numa cultura do empreendedorismo de si, a partir de uma lógica neoliberal, pretendemos analisar a revista brasileira Boa Forma entre os anos de 1988 e 2018. A dimensão conceitual aqui abordada refere-se à vinculação teórico-metodológica que alicerça essa pesquisa.

A nossa tarefa aqui é desenvolver um raciocínio coerente e um diálogo entre diferentes teóricos das ciências humanas e sociais que, em algum momento falaram sobre o processo de consolidação do neoliberalismo enquanto fenômeno catalisador da vida social. É por esse motivo que, inegavelmente, realizo uma caminhada que visa articular esses incursos e insights presentes em textos da filosofia, ciência política, comunicação, semiologia, estudos da linguagem e estudos de gênero e sexualidade. Busca-se, sobretudo, constituir um horizonte conceitual capaz de desenvolver um olhar crítico em relação aos modos de lidar com o corpo no século XXI.

Acreditamos que, na cultura contemporânea, evidencia-se uma veiculação midiática dessa performance do empreendedorismo de si. O sujeito-empresa, presente nessa incursão investigativa, em diálogo com os dispositivos que o promovem, vai se tornando uma figura inequívoca em todas as esferas da vida social. Cabe interrogar até que ponto a capilaridade desse fenômeno forja uma intensa presença das técnicas de

governo de si, de controle dos desejos, de fabricação de subjetividades dirigidas ao desempenho, ao lucro e à manutenção da lógica neoliberal.

Comumente, somos confrontados com narrativas de vida de sujeitos que ganham notoriedade por controlar seus hábitos alimentares, por possuírem uma rotina árdua de exercícios e atividades físicas ou aqueles que passaram por mudanças drásticas de aparência graças a intervenções cirúrgicas ou técnicas da cosmética. E no bojo dessa constante preocupação com o corpo e a aparência, tornamo-nos cada vez mais ativos no processo de fortalecimento da cultura do corpo, do culto da performance empreendedora e, conseqüentemente, reafirmamos o poder do “capitalismo como uma religião” - parafraseando Walter Benjamin (2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias & letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **História da sexualidade 3: O cuidado de si.** São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. As técnicas de si. In: _____. **Ditos e Escritos, volume IX:** genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado.** São Paulo: N-1 edições, 2017.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo:** cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum:** notas para um método comunicacional. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

VIAGARELLO, Georges. **História da beleza.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.